# Intuição e Sensação - 22/02/2015

Esse texto curto foi escrito por volta do fim do ano de 2013 (ou começo de  
2014) e vem para o digital para ficar enquanto durar esse tipo de tecnologia e  
armazenamento.  
  
   
  
 "A sensação é essa poeira que flana no ar. Uma camada CONTINGENTE, onde as  
coisas podem ser ou podem não ser. Aqui há espaço para o LIVRE-ARBÍTRIO, onde  
as decisões não são certas (satisfazer desejos).  
  
   
  
 A intuição é o entendimento direto, imediato: intelectual. É o conhecimento  
das essências, conhecimento NECESSÁRIO. O conhecimento divino é somente  
intelectual. Aqui é onde reside a liberdade (viver segundo regras): agir sem  
restrição, sem forças externas atuando sobre nós.  
  
   
  
 Mas o homem não é só isso, o homem é biológico e é psicológico, e por aí os  
conceitos se perdem..."  
  
   
  
 Nos parece que a ideia naquele momento era tratar da liberdade e do livre-  
arbítrio, associando a primeira à sensação e o segundo à intuição. Percebe-se,  
também, que a sensação aparece ligada ao contingente e a intuição ligada ao  
necessário. Parece haver forte influência de Descartes, porque sua  
epistemologia aponta para o conhecimento intuitivo da razão como certo e  
seguro e o conhecimento pela sensação como sujeito a erro. Essa questão de  
liberdade e livre-arbítrio causa bastante dificuldade e vem sendo motivo de  
algumas reflexões desse blog. Aqui, sob a égide de Descartes, a liberdade é  
cada vez mais um conhecimento certo e seguro porque justamente evita uma  
decisão indiferente entre uma coisa e outra. Se estamos indiferentes em uma  
escolha nos falta a liberdade de poder escolher uma determinada coisa  
taxativamente, sem titubear. Por outro lado, o livre-arbítrio se daria em  
circunstâncias que não estariam tuteladas pela razão, mas seria indiferente e  
duvidoso.  
  
   
  
 No que tange ao divino, perece haver falha de argumentação porque, em  
Descartes, a causa é o divino, então a liberdade estaria atrelada ao externo  
divino. Pode ser um embricamento com a liberdade kantiana, mas essa  
escorregadela não é relevante nesse contexto.  
  
   
  
 Porém, o fim do texto curto aponta para características do homem quais  
outras que saem da esfera dos conceitos. Essa direção vai de encontro à  
metafísica cartesiana, buscando uma maior compatibilização com o mundo real.  
Talvez apontando para a superação da dualidade cartesiana, mas deixando em  
aberto como resolver esse problema, que envolve decisão, escolha, liberdade,  
livre-arbítrio, autonomia. Mas também envolve teoria e prática em um sentido  
kantiano. De fato, precisamos romper com a metafísica moderna para fazer um  
novo enquadramento da questão, evitando o anacronismo, ou tratar a questão  
naquele tempo e lugar. Precisamos tentar entender como esses conceitos evoluem  
para não ficarmos perdidos em mera opinião.